CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: CARLOS REICHENBACH
13 de Outubro de 2022

ESTA RUA TÃO AUGUSTA / 1968

Realização: Carlos Reichenbach / **Argumento:** Carlos Reichenbach, Antonio Lima / **Direcção de Fotografia:** Sílvio Bastos / **Montagem:** Jovita Pereira Dias / **Música:** Univaldo Roberto de Oliveira (selecção musical) / **Com:** Waldomiro de Deus, Lindolf Bell, Enzo Barone (narração).

Produção: Luiz Sergio Person e Glauco Mirko Laurelli / **Cópia:** Cinemateca Brasileira, em 35 mm, preto e branco, falada em português e legendada electronicamente em inglês / **Duração:** 11 minutos / **Primeira exibição na Cinemateca:** 29 de Novembro de 2012, no âmbito do ciclo “O Cinema Marginal Brasileiro e as Suas Fronteiras”.

LILIAN M: RELATÓRIO CONFIDENCIAL / 1975

Realização, Argumento e Fotografia: Carlos Reichenbach / **Montagem:** Francisco Inácio de Araújo / **Seleccção Musical:** Carlos Reichenbach / **Som:** Júlio Perez Caballar / **Direcção Artística:** Isaac Sérgio de Almeida / **Com:** Célia Olga Benvenuti (Maria / Lilian M), Benjamin Cattan (Braga), Sérgio Hingst (Gonçalves), Maracy Mello (Lucivalda), Edward Freund (Hartmann), Caçador Guerreiro (José), José Júlio Spiewak (Shell Scorpio), Thereza Bianchi (Maria Antonieta), Lee Bujyja (Chico), Genésio Carvalho (Taxista), Wilson Ribeiro (Vivaldo Lobo), Washington Lasmar (Fausto), Walter Marins, Paolo Picchi, Ruben Val, Bernardo Vorobow, Oamir Carvalho, Jairo Ferreira, Olga Maria Andrade, Luiz Nadas, Lygia Marques Leite, Silvana Maria, David Eustaquio, Sonia Maria Cabral, João Armando Spiller.

Produção: Jota Filmes, Beethoven Street Filmes Ltda. / **Produtores:** Carlos Reichenbach, Elias Curi Filho / **Direcção de Produção:** Percival Gomes de Oliveira / **Cópia:** da Cinemateca Brasileira, em 35mm, cor, falada em português e legendada electronicamente em inglês / **Duração:** 120 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** 22 de Junho de 1975 / **Estreia Comercial:** 28 de Julho de 1975, São Paulo e Rio de Janeiro / **Título Alternativo:** Lilian M: Confissões Amorosas (Relatório Confidencial) / **Primeira exibição na Cinemateca:** 28 de Novembro e 3 de Dezembro de 2012, Ciclo “O Cinema Marginal Brasileiro e as suas Fronteiras.”

filmes de Carlos Reichenbach

Foi o filme **O Bandido da Luz Vermelha** (1968), de Rogério Sganzerla, que indicou a Carlos Reichenbach o caminho a seguir: deixar a erudição académica e enveredar por um cinema popular feito na Boca do Lixo. A sua “descoberta” seguinte seriam os filmes de terror de José Mojica Marins, que tanto sucesso faziam entre os alunos da Escola de Cinema São Luiz, em São Paulo, em torno da qual se juntaram muitos dos “cineastas da Boca”. E, não obstante uma

opção por um cinema não intelectual e assumidamente popular, em oposição deliberada ao Cinema Novo, Reichenbach, como muitos dos seus companheiros, era não só um cinéfilo ferrenho, como um grande admirador de parte desse Cinema Novo.

A propósito de **Orgia ou O Homem Que Deu Cria** (1970), de João Silvério Trevisan, que mostrámos em 2012 no ciclo “O Cinema Marginal Brasileiro e as suas Fronteiras”, em que “descobrimos” **Lilian M**, escrevemos sobre uma vontade de matar o “pai” (a morte metafórica de Glauber Rocha, através do homicídio da personagem interpretada por Ozualdo Candeias), mas a melhor verbalização desta posição, com todas as suas contradições, está talvez em **Documentário** (1966), curta-metragem de Sganzerla que se aproxima da Nouvelle Vague, em que um dos cinéfilos protagonistas refere que “o cinema está virando uma coisa demasiado séria” e que é preciso “fazer uma coisa bem brasileira”, ou nos espirituosos e divertidos diálogos de **Audácia!** (1970), do próprio Reichenbach, em torno do que deve ser um cinema “anti-intelectual” e “sem demagogia”.

As referências à cinefilia de Carlos Reichenbach são frequentes, não apenas por parte da crítica, que procura muitas vezes as influências por detrás dos seus filmes, como por parte do próprio realizador. Num número da Revista *Filme Cultura*, Reichenbach refere um conjunto títulos que o fizeram dedicar-se ao cinema, que são tão heteróclitos como **A Estrada**, de Ozualdo Candeias, **Outubro**, de Sergei Eisenstein, **O Túmulo Índio**, de Fritz Lang, ou **Barravento**, de Glauber Rocha (para lá dos já referidos), mas também aqueles que estão na base de vários dos seus filmes. E se **O Bandido da Luz Vermelha** foi decisivo para **Audácia!**, sobre **Lilian M: Relatório Confidencial** os exemplos que cita como fontes directas são: “**Desejo Profano**”/Akai Satsui, de Shohei Imamura; “**Alucinação Sensual**”/Kagi, de Kon Ichikawa; “**Insinuante e Pecadora**”/Denkikurage, de Yasuso Masumura; **The Naked Kiss**, de Samuel Fuller; e **Vivre Sa Vie**, de Jean-Luc Godard.

O termo “antropofagia visual”, usado por Carlos Alberto Ebert, parece assim adaptar-se na perfeição ao cinema (ou meta-cinema) de Reichenbach, que digere grande parte da sua história, reunindo cinema soviético, influências da Nouvelle Vague, cinema americano ou cinema japonês. Eram muitos os cineastas da Boca do Lixo que se apresentavam como profundos admiradores do cinema japonês, que tinha uma grande difusão em São Paulo, e em muitos deles notava-se uma profunda admiração por Imamura, mas em Reichenbach a sua influência será determinante. Todavia, para lá de uma vertente mais imediata, presente ao nível da prática repetida da citação, a maior consequência de tal cinefilia é uma relação profundamente crítica com o cinema e com as imagens, que transparece obviamente em cada um dos seus filmes.

Mais narrativo e mais “clássico” que grande parte dos filmes dos seus companheiros, **Lilian M** poderá ser visto como uma transposição paródica de vários géneros, ao partir da construção de ambientes assumidamente cinematográficos para deles se afastar de modo algo invulgar. E se é um filme que poderemos considerar narrativo, assenta numa narrativa muito fragmentada, uma herança óbvia do cinema moderno. **Lilian M** articula-se a partir de uma entrevista à protagonista, que relata a história da sua vida, apresentando-nos os seus amantes e assumindo o seu percurso sem qualquer pudor: o modo como deixou o marido e o filho e uma vida de miséria no campo, trocando-os por um caixeiro-viajante que a seduziu com as maravilhas da cidade; como se tornou amante de um empresário em casa de quem trabalhou; a sua passagem por uma casa de massagens; a relação com um sádico alemão; o encontro com um funcionário reprimido,... Sem moralismos, o filme não julga a personagem, antes constrói uma nova

identidade para Maria (que com José formava o bíblico casal, antes de assumir simbolicamente o nome de Lilian, o nome da mãe do seu segundo amante).

Há momentos bem reveladores do talento de Reichenbach e das muitas referências que cita. Um deles corresponde à separação de Maria do caixeiro-viajante após um acidente, sequência que é apresentada com dois desfechos diferentes: um fim épico e um final manifestamente risível, numa alusão irónica a muito do que se fazia no cinema mais comercial. Do melodrama camponês inicial, **Lilian M** resvala rapidamente para um cinema com um toque Nouvelle Vague ou para o filme policial, mostrando como Reichenbach se apropriava e transformava com facilidade os mais variados géneros.

Segundo o realizador, **República de Traição** (Carlos Alberto Ebert, 1970) e o já citado **Orgia**, de João Silvério Trevisan, ao serem totalmente proibidos numa altura em que endurecia a ditadura militar no Brasil, foram marcos no Cinema Marginal, ditando o seu fim. Numa outra entrevista, Reichenbach fornece ainda outras razões para uma alteração profunda no seio do Cinema Marginal no início dos anos 70: a progressiva “ditadura” dos filmes a cores, em que nem produtores, nem o público, queriam ver filmes a preto e branco. Tal encareceu a produção e muitos dos seus companheiros deixaram de filmar. Para os que restavam, havia duas soluções: alinhar pelas produções estatais, ou juntar-se aos produtores comerciais das “pornochanchadas” e afins. Esta foi a sua via, optando por partir de alguns dos elementos das “pornochanchadas” e trabalhar em torno de uma subversão deste e de outros géneros populares, para os transformar com um objectivo comum: denunciar a violência, a miséria, a censura (as torturas do alemão são uma boa metáfora), e defender uma via abertamente sexual, num momento em que o cinema no Brasil continuava a ser extremamente pudico.

Lilian M é isso mesmo, o primeiro filme em que Reichenbach pretendeu trabalhar todos estes elementos, depois de um conjunto de experiências mais anárquicas. Um filme em que procurava condensar muitas das suas ideias e em que, recorrendo a elementos do cinema erótico e a um reportório do cinema comercial, toca questões tão diversas como a utopia, a sexualidade, a anarquia e a poesia.

A abrir a sessão **Esta Rua Tão Augusta**, uma dessas experiências mais anárquicas, que se destaca entre as restantes curtas-metragens dos primeiros anos de Reichenbach enquanto realizador. Um filme inaugural que antes de mais é uma homenagem à Boca do Lixo e ao bairro onde se desenvolvia tão intensa e marginal actividade de produção. **Esta Rua Tão Augusta** capta a atmosfera dessa famosa rua de São Paulo, que nos anos sessenta acolheu tanta gente tão díspare e uma atmosfera alternativa e festiva. O famoso discurso de Martin Luther King, **I have a dream**, dá o mote a uma obra eminentemente documental em que homens desfilam mascarados, um pintor local (Waldomiro de Deus) circula de mini-saia enquanto tenta vender as suas telas na rua, e uma voz *off* enfatiza a excentricidade de todo este projecto e do local de onde provém.

Joana Ascensão